

A origem das séries de aventura e mistério da radiofonia brasileira e sua interação como história em quadrinhos. (1940-1959)

Athos Eichler Cardoso
Mestre em Comunicação - UnB

Resumo

A era de ouro das séries radiofônicas brasileiras de aventura e mistério durou de 1943 a 1959. Do Vingador, um clone do Lone Ranger, a Jerônimo, um herói bem nacional, mostrou-se mais uma vez a nossa capacidade de apropriação dos modelos da cultura da massa americana.

Um dia, em 1880, um grupo de seis Rangers do Texas, conduzidos pelo capitão Don Reed, foi emboscado pelo bando do sanguinário Butch Cavendish. Excetuando John, jovem irmão do capitão Reed salvo pelo índio Tonto, todos os demais Rangers foram mortos. Para enganar Cavendish, Tonto cavou seis tumbas, uma para cada um dos delegados. Uma vez restabelecido, John Reed colocou uma máscara para não ser reconhecido e jurou vingança contra o bando de Cavendish e todos os malfeitores. Assim nasceu a lenda do Lone Ranger.

Imaginada por Fran Striker como uma série de rádio, tornou-se um sucesso, sendo exibida três vezes por semana na estação de Detroit, a WXYZ. Apresentada numa 2ª feira, 20 de janeiro de 1933, seus episódios, um após outro, ouvidos nos receptores em todo o Estados Unidos, geraram uma série de seriados cinematográficos e uma cornucópia de produtos comerciais. Em 1938, a King Features, um sindicato de HQ, comprou os direitos autorais e começou a editar o Lone Ranger, conhecido no Brasil como o Zorro, em tiras diárias e páginas dominicais. Esse exemplo mostra a iteração que houve desde o início entre as séries de rádio e a HQ.

As séries de rádio não tinham figuras, os quadrinhos nenhum som e assim como os quadrinhos substituíram o som que faltava por palavras onomatopaicas, balões e símbolos, os estúdios de sonoplastia buscavam criar a ilusão de uma imagem por efeitos musicais e sonoros apropriados. O rádio providenciava o som, qualquer que fosse, o ouvinte usava a imaginação. O quadro que o ouvinte construía tinha o grau de sofisticação que ele quisesse. Mesmo que o palco sonoro ficasse por segundos em silêncio ele construía uma cena perfeita, dentro da trama que seguia no pensamento, vendo o acontecimento, a situação, o personagem ou o cenário da melhor forma que ele desejaria que fosse. Isso nem o desenho, nem a televisão, nem o cinema podiam fazer uma vez que já eram obras completas.

Alguns efeitos sonoros eram feitos no momento da irradiação, enquanto outros já estavam gravados. Por exemplo: para uma criança que chorava, um trem que passava, vozes de animais, eram utilizados discos. Tiros, passos, portas batendo eram produzidos pelo contra-regra no estúdio. Às vezes, havia combinação de um e outro. Assim, um carro que chegava e parava era feito com disco, porém a batida da sua porta e a pessoa que

saltava para a calçada ficavam a cargo do contra-regra que precisava ser verdadeiro artista na especialidade.

Com ajuda das ondas sonoras o som do galope de Silver, o cavalo do Lone Ranger, podia ser visto na mente como jamais apareceria na ilustração de um gibi ou na tela de um cinema.

O rádio tinha o predicado de falar de pessoa para pessoa, dando a ilusão de uma comunicação privada face a face. Embora a audiência pudesse ser de milhões, como era a das séries radiofônicas para a juventude, cada indivíduo ouvia não numa multidão, mas em casa, no ambiente familiar, possivelmente sozinho.

As revistas de HQ ostentavam o nome do herói em letras apropriadas e da mesma forma cada série de rádio, a sua própria introdução, distinta das demais. O prefixo com que a estação de Detroit apresentava Lone Ranger, era a abertura de Guilherme Tell. O Vôo do Bezouro de Rimsky Korsakov, sempre introduzia a cena imaginária em que Brett Reid, como o Bezouro Verde (Green Hornet), lutava semanalmente contra o crime.

Uma pesquisa de 1935, na América, mostrou que 65% dos ouvintes de rádio preferiam comédias a quaisquer outros programas e o ar estava cheio delas. Eddie Cantor, Bob Hope, Jimmy Durante vieram dos teatros de variedades e dos clubes noturnos. Os programas musicais eram os segundos em audiência. Ainda nos anos 30, o rádio fez com que o noticiário radiofônico alcançasse um alto grau de popularidade. Colunistas sociais, como o famoso Walter Winchell, transferiram-se dos jornais para o rádio. Os shows de desafios, painéis de participação e sorteios grandiosos eram muito apreciados pelo povo. Mas , a maior devoção estava reservada para o drama seriado, a novela radiofônica, ou soap opera, assim chamada por ter patrocínio das fábricas de sabão. Alcançou seu clímax quando a dona de casa podia escutá-la diariamente por sete horas consecutivas.

O principal produto, entretanto, eram os espetáculos de aventuras, crimes e suspense, reunindo detetives, polícias montadas, agentes federais, vaqueiros e mascarados. Esses seriados continuaram ao longo do tempo e no final dos anos 40, a NBC oferecia vinte deles. Entre os seriados apresentados ao público americano o Sombra e o Superman eram dos mais sintonizados.

O Sombra estreou no rádio em 26 de setembro de 1937 e terminou sua carreira em 26 de dezembro de 1954. Foi um dos personagens mais populares na história do rádio americano. Antes disso, em 1930, era um anfitrião no programa da CBS, Detective Story e não um herói detetivesco no sentido da palavra. A grande mudança deu-se em 1937, quando o espetáculo passou a basear-se nas novelas de O Sombra, escritas por Walter Gibson e publicadas nas revistas baratas de Street & Smith. Patrocinado por Blue Coal, marca de carvão de pedra, usado no aquecimento das residências americanas, O Sombra era um justiceiro que se escondia debaixo de ampla capa negra forrada de vermelho e das abas caídas de um chapéu de feltro que só deixavam aparecer do rosto, os olhos magnéticos e o nariz exageradamente adunco. Usava um anel com uma pedra de opala

vermelha e andava com duas pistolas 45. Sua principal arma, entretanto, era um especial poder hipnótico aprendido na Índia, que o tornava invisível. O alter ego do Sombra era Lamont Craston, um milionário cidadão, que junto com a noiva, a bela Margo Lane, desafiavam a morte pela justiça. O primeiro Sombra, com essa capacidade de hipnotizar, foi Orson Welles, então com 22 anos. Margot Lane foi interpretada por Agnes Moorehead, atriz que posteriormente faria carreira no cinema. Depois que Welles tornou-se famoso, da noite para o dia, com a irradiação de A Guerra dos Mundos, Blue Coal decidiu que o personagem seria mais misterioso se anônimo e a voz do Sombra passou para outro ator. Um dos personagens secundários, o motorista de taxi Shrevie, amigo do Sombra, foi interpretado por Keenan Wynn, hoje conhecido por seu trabalho em Hollywood.

O Sombra anunciava sua chegada nas ondas sonoras com um riso fantasmagórico, rouco, amedrontador e com voz sinistra que articulava lentamente... Quem sabe... o mal... que se esconde... nos corações humanos? O Sombra sabe! A música do prefixo aumentava... uma febril execução da Roda de Fiar de Omphale. E, no final de cada história, o Sombra ensinava aos malfeitores que a semente do crime gera fruto amargo.

Superman, criado como HQ, debutou em 1938 no primeiro número da revista Action Comics, criação de Jerry Siegel e Joe Shuster, porém, muito da mitologia, que cerca o Homem de Aço, originou-se dos programas de rádio dos anos quarenta. A popularidade da série aumentou a audiência do herói em dezenas de milhões de ouvintes e assegurou a continuada supremacia sobre os muitos heróis que tentaram imitar sua fórmula de sucesso.

Durante a Era de Ouro do Rádio, o Superman lutou realmente pela verdade, justiça e o modo de vida americano. Entre as várias séries juvenis da época, como nenhuma outra, abordou o ódio racial e a intolerância religiosa.

O Superman vôu pela primeira vez nas ondas sonoras numa 2ª feira, 12 de fevereiro de 1940, patrocinado pelo Hecker H. O. Oates e os discos, usados como amostras de audição, foram preparados por Alen Ducovny e Robert Maxwell que criaram a famosa abertura:

"Mais rápido que um avião, mais poderoso que uma locomotiva, impenetrável as balas. Olhe! Lá em cima no céu! É um pássaro! É um avião! É o Superman!

O ator Clayton "Bud" Collyer, que representou Superman por três décadas no rádio, cinco dias por semana, fazia dois tipos de entonação de voz quando representava, Clark Kent e o Homem de Aço, ao mesmo tempo.

Nas revistas, os balões de pensamento explicavam as intenções e motivos do Superman, mas o rádio não podia produzi-los e por isso muitos personagens do conjunto de apoio originaram-se das histórias radiofônicas. O editor Perry White do Daily Planet e

o auxiliar Jimmy Olsen foram criados para o rádio. Era com esse último que o Superman podia abrir o coração e a mente quando o ouvinte necessitava de explicações.

A série radiofônica influenciou também o cinema. O Prêmio da Academia da Paramount foi dado aos desenhos animados do Superman que utilizaram as vozes dos artistas do rádio. Os filmes seriados da Columbia, de 1948 a 1950, foram mais adaptados dos programas de rádio do que dos originais dos quadrinhos.

A série radiofônica saiu do ar, quando era apresentada pela ABC, em 1º de março de 1951, mas o Superman retornou no ano seguinte pela TV, com George Reeves que iniciou sua carreira cinematográfica em *O Vento Levou*. Nesse novo meio de comunicação, Reeves, voando suspenso por fios de arame e com a ação sujeita a efeitos especiais primitivos, não conseguiu alcançar na tela os níveis de aventura épica que era comum no rádio.

Possivelmente, a época mais brilhante das séries radiofônicas brasileiras foi entre 1943 e 1959. Iniciou com a apresentação de *As Aventuras do Vingador* e, encerrou, com chave de ouro, com *Jerônimo*, o herói do sertão. Embora desde 1940 já se apresentassem *Buck Rogers* e *Annie*, a pequena órfã.

As séries que marcaram gerações foram, sem dúvida, *O Vingador*, *Tarzan*, *O Sombra*, *Capitão Atlas*, *Aventuras do Anjo* e *Jerônimo*. Dessas, apenas as três últimas eram ambientadas no Brasil com heróis e temáticas nacionais.

As séries radiofônicas brasileiras parecem devoradas pelo tempo. Muito pouco sobreviveu ao tradicional descuido dos brasileiros pela cultura nacional: um disco de *O Sombra*, alguns capítulos de *As Aventuras do Anjo* e *O Homem Pássaro*, ao contrário dos Estados Unidos da América, onde o famoso Smithsonian Institution, em associação com uma empresa privada, produziu em 1997 os primeiros 27 capítulos originais da série *Superman*. Gravados em cinco CD, digitalmente restaurados e remasterizados, estão ao alcance do público juntamente com fitas cassetes dos programas de *O Sombra*, *Bezouro Verde* e até a transmissão de *A Guerra dos Mundos* por Orson Welles. No Brasil, esse segmento da cultura de massa tão importante para a identidade nacional, provavelmente, está perdido para sempre. O que se conhece é fruto de pesquisadores independentes que escreveram suas lembranças nostálgicas em fanzines. Servindo-se deles e de recordações pessoais é possível registrar, aqui, informações sobre esse período áureo do rádio brasileiro.

Em 12 de abril de 1940, numa iniciativa da Rádio Tupi, PRG-3, foi levada ao ar, para vinte milhões de ouvintes, a série *Buck Rogers no Século XXV*. Tratava-se de uma realização radiofônica de Pedro Anísio e Berliot Júnior. O lançamento da nave espacial com o herói e seus companheiros do Planalto Goiano, foi narrado por Ary Barroso, o speaker mais famoso na época. Para essa série, que foi patrocinada também pelo Suplemento Juvenil, ensaiou-se, segundo o chefe da técnica da Rádio Tupi, doze horas, experimentando o efeito sonoro de, nada menos, duzentos ruídos.

Segundo Aurélio Câmara, um típico homem de rádio da fase áurea desse veículo de comunicação, a série O Vingador era assim anunciada na Rádio Farroupilha de Porto Alegre.

Sintonizam a mais poderosa emissora Rio Grandense, Rádio Farroupilha de Porto Alegre. E atenção para a hora certa. Na capital gaúcha precisamente 17, 45 horas. (GONGO) BOOM! Neste horário, num oferecimento do Sabonete Palmolive, passamos a apresentar... (MÚSICA COM A CORTINA DE ENTRADA) As sensacionais aventuras do VINGADOR, seu rápido cavalo BLACKIE e seu inseparável e fiel companheiro CALUNGA. (FUNDO MUSICAL COM TROPEL).

Esse fundo musical, lembro-me bem, apresentava o Vingador assobiando uma toada sincopada, semelhante ao conhecido Oh Suzana com fundo de sons de patas de cavalo que, a medida que o assobio acelerava, passava de andadura normal, para trote e depois galope, culminando com o grito do Vingador EIOOOO BLACKIE... IUU (COM MÚSICA, TROPEL E TIROS).

As Aventuras do Vingador, sem dúvida um plágio de Lone Ranger, eram ouvidas por milhares de jovens e adultos, de 2ª a sábado, em programas de 15 minutos, em seis das mais importantes estações brasileiras: Rádio Tupi, do antigo DF; Rádio Tupi, SP; Rádio Cultura, SP; Rádio Guarani, BH; Rádio Farroupilha, PA e Rádio Clube de Pernambuco, RE. Os nomes eram diferentes, mas os ouvintes, que conheciam Zorro, Tonto e Silver dos gibis, não tinham dificuldade em imaginar esses personagens. As aventuras eram escutadas em pesados rádios de válvulas, situados nas salas, onde as famílias reunidas se deliciavam com aquela maravilha eletrônica. Havia, também, as galenas, aparelhos que não necessitavam de energia elétrica. Em 1943, época em que surgiu o Vingador, não havia rede de energia elétrica em muitos lugares, principalmente nas zonas rurais. A galena funcionava por meio de um cristal, sua fonte de energia, uma bobina, fones de ouvido, antena e fio terra. O programa do Vingador era irradiado por intermédio de grandes discos do tamanho dos LP antigos, porém em 78 rotações. O programa (disco) era gravado no estúdio da Rádio Tupi e distribuído para as diversas emissoras. Muitas vezes o disco não chegava a tempo e o capítulo anterior era então reprisado. O autor da série era Péricles do Amaral, um publicitário de enorme criatividade, responsável, mais tarde, pela criação das séries Capitão Atlas e Aventuras do Anjo. O programa tinha o seu clube de fãs estruturado e para ser sócio devia-se remeter nome e endereço para a sede da rádio, fita de três sabonetes Palmolive e um cupom, publicado nos jornais e revistas de grande aceitação, com o juramento: Juro ser sempre honesto e defender o fraco contra o forte.

Como sócio do Clube do Vingador, recebiam-se três coisas: 1º - O distintivo feito de aço esmaltado em cores, representando o herói com o braço estendido, chapéu na mão, num gesto de saudação, na sela do cavalo empinado nas patas traseiras. 2º - Um jornalzinho com uma aventura completa do Vingador com bonitos desenhos e histórias diferentes e, 3º - A senha secreta para que o sócio fosse conhecido pelos outros sócios e pudesse, também, conhecê-los. O jornalzinho, desenhado pelo melhor quadrinista brasileiro da

época, Fernando Dias da Silva, era inicialmente em preto e branco, depois em cores. Nas palavras de Jorge Barwinkel, contemporâneo da série, as aventuras radiofônicas do Vingador foram uma das coisas mais lindas proporcionadas aos jovens da época.

Em tudo semelhante ao personagem criado no exterior, O Sombra, foi produzido no Brasil com excelente qualidade técnica e artística. Embora se passem mais de 50 anos, ao se ouvir o programa original na voz de Orson Welles, a impressão é que a versão brasileira era melhor que a americana. Pudera! Os brasileiros colocaram para interpretar o Sombra, nada menos que o fabuloso Saint Clair Lopes.

Apresentada com o título As Aventuras do Sombra, era levada ao ar pela Rádio Nacional, todas as terças-feiras, às vinte e duas horas e cinco minutos. Pelo horário e pelo patrocinador, a Gilete Azul, a série era dirigida ao público adulto.

A série radiofônica das aventuras de Tarzan, numa fiel adaptação da obra de Edgar Rice Burroughs era de muito boa qualidade. O prefixo musical, um compasso rítmico de tambores que terminava misturado ao famoso brado do herói, tinha o dom de transportar os ouvintes para a África onde transcorria a narrativa

Tarzan não fugiu à regra e teve seu clube de admiradores, chamado Amigos de Tarzan. A série era patrocinada pela Colgate Palmolive e para ficar sócio e receber o distintivo bastava enviar uma caixa vazia de pasta dental Colgate, com nome e endereço para a rádio que apresentava o programa. Tarzan foi ao ar na mesma época do Vingador e do Sombra.

As Aventuras do Capitão Atlas começaram a ser transmitidas pelas Rádio Tamoio do Rio de Janeiro, Rádio S. Paulo e Rádio Farroupilha de Porto Alegre, patrocinadas pela Standard Brands do Brasil, fabricante dos Pudins e das Gelatinas "ROYAL".

O Capitão Atlas, criação de Péricles do Amaral, era um tipo de Jim das Selvas brasileiro. Capacete de explorador em cortiça, cinto de cartucheira com revólver, culote e botas, tinha como cenário de suas aventuras o interior do Brasil, embora, certa vez, tenha se aventurado no Rio de Janeiro para socorrer um amigo. Não agia sozinho e dispunha de fiéis companheiros: sua noiva, uma linda loura conhecida como Rainha da Cachoeira, o índio Chico, o sertanejo Tunicão, um jovem chamado Quati e a onça pintada Urutí.

O Capitão Atlas, apresentado às sete da noite na Rádio Tamoio, era interpretado por Paulo Raymundo, rádio-ator contratado exclusivamente para o papel.

Como era de hábito, o herói tinha sua agremiação: Clube Royal do Capitão Atlas, cuja inscrição era fácil, desde que se remetesse, para qualquer das emissoras, duas caixinhas vazias dos produtos ROYAL, pudim ou gelatina. Para facilitar a remessa pelo correio, o candidato a sócio podia destacar a parte da frente das caixinhas e escrever no verso seu nome e endereço em letra bem legível. Para as mensalidades usava-se a mesma quantidade de caixinhas, concorrendo ao sorteio mensal do Clube que distribuía como

prêmio a Revista do Capitão Atlas, apresentando as aventuras do herói em quadrinhos e abordava, também, todos os assuntos relativos ao clube e ao seu quadro de associados.

A Revista do Capitão Atlas era vendida normalmente nas bancas e alcançou grande sucesso, principalmente quando desenhada por Fernando Dias da Silva e posteriormente por André Leblanc e Getúlio Delphin que procuraram imitar-lhe o estilo. Um outro desenhista foi um publicitário do Rio de Janeiro conhecido por Luiz.

O horário das 19:15 h que antecedia o Noticiário Radiofônico da Agência Nacional, era um dos mais sintonizados na Rádio Nacional e apresentava adaptações de famosos romances. Mudando a programação os patrocinadores resolveram apresentar As Aventuras do Anjo, personagem criado pela fértil imaginação de Péricles do Amaral.

O Anjo, um aventureiro sofisticado, combatia o crime com a ajuda de três amigos, inicialmente chamados, Campeão, Gorila e Metralha. Suas peripécias situavam-se num Brasil que prenunciava os tempos atuais, já que Metralha portava uma metralhadora, chamada carinhosamente de Adelaide.

Patrocinada pela Pasta Dental Phillips, o Mulsified Shampoo Perfumado e o sabonete Ross, todos da The Sidney Ross Company, a série era apresentada diariamente, de segunda a sexta feira e obteve tanto sucesso que em breve passou a ser publicada também em HQ, desenhadas pelo excelente Flávio Colin. Sempre com o mesmo roteirista, Péricles do Amaral, os nomes dos companheiros mudaram para Faísca, Jarbas e Metralha, esse último com sua arma, agora chamada Matilda. O herói e seus companheiros marcaram presença no meio radiofônico e entre as publicações de HQ. A série do Anjo, que segundo estatísticas do IBOPE, vinha prendendo a atenção geral de milhões de ouvintes, foi apresentada, também, pela Rádio Farroupilha de Porto Alegre, às 19:15 h todos os dias e pela Rádio Difusora de São Paulo às 20:00 h. Na Rádio Nacional, quem personificava o Anjo era um dos galãs mais destacados do cast da emissora e do Brasil, Álvaro de Aguiar.

Das séries que marcaram os rádio-ouvintes da época de ouro, provavelmente, a do Homem-Pássaro foi a menos importante uma vez que já dominavam o cenário, séries com heróis brasileiros. Ele voava com auxílio de um pequeno motor que fazia girar uma hélice às suas costas. O personagem, criado por Tito Fleury nas Emissoras Associadas, foi apresentado, também, na Rádio Nacional.

Quando Moysés Weltman afirmou que o saudoso ex-chancellor Oswaldo Aranha e o lingüista Antenor Nascentes, entre outras personalidades, confessaram, um dia, ser fãs incondicionais de Jerônimo, o herói do sertão, pode-se bem avaliar o sucesso alcançado por essa série que apresentava um original herói nacional e se manteve durante muito tempo na memória dos brasileiros, na rádio, na TV, em revista, num disco e até em filme.

Moysés Weltman, um carioca nascido em 1932, jornalista, dedicou-se desde jovem a escrever novelas e programas para o rádio. Em 1953, com a novela A Dama de negro,

apresentada pela Rádio nacional, foi escolhido como a Revelação de Novelistas daquele ano e um patrocinador pediu-lhe que idealizasse um herói brasileiro.

Weltman assim descreveu, anos depois, essa criação:

Tratei de localizá-lo, em primeiro lugar. Depois de muito pesquisar, escolhi 'Bento Faria, o cavaleiro do Pampa'. Acharam-no, entretanto, um tipo muito regionalizado e por isso tive que fazer um herói vagamente situado no Nordeste, para atingir a todos.

Fiz uma lista de trinta nomes e o que vingou foi Jerônimo, que soava mais forte e mais adaptado ao tipo. Procurei apreender nessa novela uma temática brasileira, com tipos característicos, jagunços, coronéis e o moleque Saci, um pretinho ágil, esperto, quebragalhos, símbolo de uma raça que tanto ajudou em nossa formação. Sem que o ouvinte perceba, vamos ensinando, também um pouco de geografia, economia e história do Brasil.

Um dos atrativos da série era a sua marcante música de introdução, a toada Jerônimo, de Getúlio Macedo e Lourival Faissal, que muitas crianças e adultos sabiam de cor.

Quem passar pelo sertão
vai ouvir alguém falar
do herói desta canção
que eu venho aqui cantar
Se é pro bem vai encontrar
um Jerônimo protetor,
se é pro mal vai enfrentar

- Jerônimo lutador.

Com o sucesso obtido no rádio, desde 1953, a revista Jerônimo - Magazine começou a ser publicada, em meados de 1957, constituindo-se num êxito editorial impressionante e inédito. A tiragem inicial esgotou-se em dois dias e outra foi feita para atender os pedidos que vieram em grande quantidade de todo o Brasil. A Rio Gráfica Editora, que publicou a revista, entregou a adaptação da série a Edmundo Rodrigues que, por quase cinco anos desenhou mensalmente as histórias. Jerônimo chegou a vender tanto quanto Fantasma e Mandrake, tornando-se o primeiro herói brasileiro a ombrear com os célebres heróis americanos.

Jerônimo, que era patrocinado pela Sidney Ross, conseguiu o 2º e o 3º lugar de audiência no IBOPE. Em dezembro de 1957, lançou-se um disco LP narrado por Mário Lago com uma aventura inédita, O caso do Atirador de Punhais, onde Jerônimo enfrentou um dos seus mais terríveis inimigos - O Caveira. No disco, como no rádio, desde o seu nascimento, Jerônimo era interpretado por Milton Rangel; Dulce Martins era Aninha, a namorada do herói e Cahuê Filho interpretava, o não menos famoso, Moleque Saci. O programa sob os auspícios de Melhoral, um comprimido antigripal, ia ao ar na Rádio Nacional, de 2ª a 6ª feira, às 18:35 h e na Rádio Jornal do Comércio de Recife às 2ª, 4ª e 6ª feira, às 19:00 h.

Jerônimo, que teve 96 novelas de rádio com 3.276 capítulos, três, na TV com 499, uma peça de teatro, um disco, um filme, 93 revistas e três almanaques anuais em 1958, 1959 e 1960, foi sem dúvida, o herói brasileiro de ficção popular mais divulgado no século XX.

Contrariando a opinião de alguns críticos literários, os brasileiros sempre tiveram uma paixão irrefreável pela história de detetives. E, se alguma vez pareceu desdenhá-las é porque estava enfadado da massificação sofrida entre 1910 e 1950 com inúmeras publicações do gênero em fascículos, revistas especializadas e no próprio rádio, onde a programação de séries policiais na década de 40, não era pequena. Entre outras, a Rádio Nacional apresentou a *Novela Policial e Aventuras de Sérgio Rubens*; a *Mayrink Veiga*, *Abra em nome da lei* e *Nas garras da lei*; a *Tupi*, *Defensores da Lei* e diariamente *Aventuras de Rafles* e a *Globo*, *Mandrake*, patrocinado pelos chapéus Ramenzoni.

Muitos atores importantes, alguns deles em plena atividade, participaram dessa saga. Lima Duarte, em 1949, produziu uma série aventureira intitulada *Aí Mocinho!*, destinada ao público jovem. Alziro Zarur, o criador e patrono da *Legião da Boa Vontade*, era rádio-ator famoso e, dentre outros, desempenhou o papel de Sherlock Holmes e do detetive Roberto Ricardo, personagem criado por Aníbal Machado. Nas *Aventuras do Anjo*, trabalharam como coadjuvantes Wellington Botelho e Brandão Filho que apareceram na TV em papéis cômicos.

Além das já comentadas, é provável a existência de outras como o personagem de aventuras, *O Flama*, de Deodato Borges, apresentado inicialmente pela Rádio Borborema de Campina Grande na Paraíba, na década de 60. A Rádio Clube de Pernambuco e a Ceará Rádio Clube levaram a série ao ar ficando, o herói, restrito a região nordeste.

Para a geração jovem de hoje, plugada na Internet e no game, as séries de rádio parecerão até sem sentido porque a codificação de uma época, em que o som era tudo, parece estar perdida.

Referências Bibliográficas

1. GOIDANICH, Hiron Cardoso. *Enciclopédia dos quadrinhos*. Porto Alegre: LPM, 1990.
2. HORN, Maurice. *100 Years of american newspaper comics*. New Jersey: Randon House, 1996.
3. NYE, Russel. *The unembarrassed muse. The popular art in America*. New York: Dial Press, 1970.

Revistas

Policial em Revista. Recortes s/d.

Rádio-Teatro. Revista semanal das grandes novelas do rádio. Rio de Janeiro, Feranando Chinaglia, 1952. Nº 1 a 33.

Fanzines

O Grupo Juvenil. Jorge Barwinkel, Porto Alegre, dez./83 a abr./85.

Jornal da Gibizada. Valdir Dâmaso, Maceió, set./85.